

**JOSÉ DE MESQUITA**  
(Da Academia Mato-grossense de Letras)

## Do “POEMA DA SERRA”

(**Sonetos**)  
(Chapada dos Guimarães)

Cuiabá  
Revista da Academia Mato-grossense de Letras  
Ano VIII — Tomo XV e XVI  
**1940**

JOSÉ DE MESQUITA



**José Barnabé de Mesquita**  
(\*10/03/1892 †22/06/1961)  
Cuiabá - Mato Grosso

**Biblioteca Virtual José de Mesquita**  
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

## O MONJOLO

Na doçura da noite enluarada e fria,  
do monjolo de piúva ouço a voz incessante.  
Durmo e acordo e ei-lo, a fio, em seu lidar constante,  
a pilar milho ou arroz, no afan de noite-e-dia.

Desfere a “virgem” no “eixo” o grito lancinante.  
Bate a “mão” no “pilão”. No “inferno” a água desfia.  
Nada a “bica” detem”, no esforço em que porfia,  
a encher e a esvaziar o “cocho” a cada instante.

Simboliza o labor que não descontinúa,  
a constancia, no seu isócrono traquejo,  
a firmeza que luta e nunca se extenua,

e, acima disso tudo, esse desprendimento  
de quem põe no trabalho o prazer e o desejo,  
e em premio vil jamais coloca o seu intento.

## O SIRIRI

Festa de Santa Cruz na “vila” da Chapada.  
A seleta da juíza apinha-se de gente.  
Começa o “siriri”, na cadencia dolente  
e brejeira, que faz afluir a rapaziada.

Desfere o “tamboril” a voz grave e pausada.  
Os “pratos” e o “ganzá” se alternam docemente.  
Rompe a “guerra de mina”, e aos poucos, todo o  
ambiente  
vibra, em lindas canções de rústica toada.

Corre o café. Servem cigarros, de hora em hora.  
No alegre sapateio, as velhas e meninas  
folgam juntas, gozando o “tempo que vai embora...”

E no “vilão-do-lenço” o pessoal se apura,  
corre-corre, a pular em guinadas ligeiras,  
na confusão da sala estreita e meia escura...

## FLOR DA SERRA

Na mata do Uatimá, avisto, com surpresa,  
extranha parasita, em velho tronco adusto.  
Atráe-me sua meiga e rústica beleza.  
Debruço-me ao cavalo e colho-a quase a custo.

É um retalho de céu, um astro de turqueza,  
uma falena iriada, um rostinho venusto,  
ilusão de poeta, ideal da natureza...  
Beijo-a. Aspiro-a. E guardá-la, eis que, num grande susto,

Um ramo traiçoeiro a arrebatava já morta...  
Flor azul, minha flor linda e desconhecida,  
efêmera visão que em seda se recorta,

ficarás para mim como a grata lembrança  
de tudo o que se vê uma só vez na vida,  
de tudo o que se perde e nunca mais se alcança !

## "TOPE DE FITA"

Da serra da Bocaina a rude escarpa agreste  
galgamos, da alimária aos passos vagarosos.  
Ora em meia penumbra, ora ao fulgor celeste,  
coleia a augusta via, entre calhaus fragosos.

De um lado, o paredão, que a hera macia veste,  
e, de outro, o abismo e os panoramas grandiosos.  
Já no "Tope de fita", o ultimo esforço investe  
por ganhar do altiplano os chapadões formosos.

É a arrancada maior, a mais árdua, mais dura.  
Assim, na vida, quando, a ascensão já vencida,  
julgamos ter logrado a calma da planura,

surge-nos muita vez, numa ultima escalada,  
novo aclave a vencer, mais íngreme subida,  
para o alto atingir da Perfeição sonhada !

## A ALMA E A PAISAGEM

A nossa alma reflete os aspectos do ambiente que nos cerca e, por isso, ha estreita afinidade entre a vida interior — que é a única realidade — e a paisagem que nos envolve habitualmente.

Aí está por que eu revejo, ai! sempre com saudade o doce panorama encantado e envolvente desta Serra, onde a luz é um filtro enlanguescendo e o ar tem a sedução macia da bondade.

Funde-se no meu ser, uma estranha harmonia, esta crepuscular e outoniça poesia da paisagem serrana, em seu dulçor tristonho.

E sinto dentro em mim desenrolar-se, mudo, esse céu que nos faz, olvidados de tudo, imergir noutro céu infinito do sonho...

## AS DUAS BORBOLETAS

Quando, em Maio, subi a Serra da Bocaina, numa tarde de anil, sob um céu leve e brando, linda falena azul, leve floco de paina, largo trato de tempo eu vi me acompanhando.

Volta à Serra, em Novembro. Éolo, na áspera faina, passa e, sob o céu gris, que os nimbo vão toldando, vejo em roda de mim, à hora em que o vento amaina, uma falena cor de cinza voltijando...

A borboleta azul que em Maio me seguia é a ilusão juvenil dos sonhos vintaneiros, feita de êxtase e amor, de arroubo e de poesia.

E essa falena escura, a voar entre nevoeiros, é o rude desencanto, a agra melancólica, que nos enche de tédio os anos derradeiros.

## AZUL DA SERRA

À proporção que a Serra se aproxima,  
esse azul que de claro, leve e puro,  
parece não haver tinta que o exprima,  
vai tomando outro tom diverso e escuro.

Tons da vegetação verde que a encima  
e do arenito avermelhado e duro,  
e só quando descemos se reanima  
do mesmo leve azul o imenso muro.

Assim, na vida, os sonhos bons que temos  
— amor, beleza, gloria, mocidade —  
parecem-nos azues, nos céus extremos.

desse azul do desejo e da ansiedade...  
E, depois de os perder, nós ainda os vemos  
azues... cor da distancia e da saudade !